Modalidade do trabalho: Ensaio teórico
Evento: XXIV Seminário de Iniciação Científica

PRÁTICAS EM PSICOLOGIA ESCOLAR: EXPLORANDO RELATOS DE EXPERIÊNCIA[1]

Marjorie Ribeiro Macedo De Oliveira[2], Joana Missio[3], Sandra Elisa Réquia Souza[4], Tais Fim Alberti[5], Hector Omar Ardans Bonifacino[6].

[1] Trabalho apoiado pelo programa FIPE JUNIOR através do projeto de pesquisa Psicologia e Educação: Reflexões Críticas da UFSM
[2] Bolsista FIPE JUNIOR, estudante do curso de Psicologia da UFSM
[3] Estudante do Curso de Psicologia da UFSM
[4] Participante do Projeto de Pesquisa
[5] Profª Draª do Departamento de Psicologia
[6] Profº Drº do departamento de Psicologia UFSM

1. INTRODUÇÃO

A escola é um dos ambientes mais importantes da vida social dos sujeitos, portanto, contribui significativamente para o desenvolvimento humano, influenciando diretamente sobre o comportamento, constituição da identidade, sobre a aquisição de habilidades, valores, entre outros. Dessa forma, considera-se que "a escola é o espaço, por excelência, para propiciar o desenvolvimento integral do ser humano através de propostas concretas e eficazes de intervenção que resultem em impacto social" (CASSINS et. al, 2007, p. 23), o que torna relevante a inserção da psicologia no âmbito escolar, uma vez que essa engloba conhecimentos sobre desenvolvimento, aprendizagem, relações interpessoais, relações institucionais e constituição de identidade e subjetividade.

Conforme Martinez (2010), as práticas do psicólogo escolar dividem-se em tradicionais e emergentes. As práticas tradicionais incluem avaliação, diagnóstico, atendimento, encaminhamento de alunos com dificuldades escolares, orientação psicológica, orientação profissional, informação sobre a sexualidade e orientação aos professores. Essas práticas podem ser necessárias, no entanto, devem ser problematizadas e realizadas com cuidado e reflexão, uma vez que se aproximam do modelo clínico de intervenção psicológica. Já as práticas emergentes tratam-se de ações vinculadas ao aspecto institucional, incluindo a subjetividade social da escola. O psicólogo escolar pode contribuir com a caracterização da população estudantil, na participação do processo de formação e seleção das equipes atuantes na escola, coordenação de disciplinas e de oficinas direcionadas ao desenvolvimento integral dos alunos, participação na elaboração e execução da proposta pedagógica escolar, no auxílio da coesão entre os profissionais da escola, realização de pesquisas com o intuito de otimizar o processo educativo e facilitar a implementação de políticas públicas (MARTINEZ, 2010).

Diante disso, percebe-se como pode ser ampla a atuação do psicólogo escolar, que em função da sua formação possui "um olhar específico e diferenciado sobre os processos subjetivos, sociais e individuais que se expressam no contexto escolar" (MARTINEZ, 2010, p.54). A presença do

profissional da psicologia no âmbito escolar pode favorecer a promoção de saúde que é imprescindível para um bom desenvolvimento cognitivo, social e humano.
Sendo assim, o objetivo deste trabalho é analisar relatos de experiência sobre as práticas no âmbito da Psicologia Escolar, a fim de verificar que práticas são essas e se estão relacionadas às práticas tradicionais ou às emergentes. Para esse estudo, optou-se por analisar os relatos de práticas profissionais publicados na Revista da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE), dos anos de 2014, 2015 e 2016.

2. METODOLOGIA

Esse trabalho se caracteriza como um estudo de natureza exploratória-descritiva na forma de pesquisa bibliográfica. Realizou-se uma busca de informações bibliográficas que se relacionam com o problema de pesquisa, sendo esse "Quais são as práticas do Psicólogo Escolar?" e "Essas práticas podem ser consideradas tradicionais ou emergentes?".
Segundo Gil (2008, p. 50), "a pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos". Na mesma linha, Silveira e Córdova (2009), colocam que na pesquisa bibliográfica se faz um levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas. Assim, qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem porém pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta (FONSECA, 2002 apud SILVEIRA e CÓRDOVA, 2009, p. 37).
Portanto, para fundamentar este trabalho e construir uma compreensão sobre o objeto de estudo, focamos na busca por referenciais que tratassem da discussão da prática do Psicólogo Escolar.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A revista da ABRAPEE é referência na área da Psicologia Escolar e Educacional, tendo sua primeira publicação em 1998. Desde 2009, em sua segunda publicação anual, a revista apresentou uma sessão intitulada "Relatos de Práticas Profissionais", proporcionando um maior espaço para a divulgação e troca de experiências no âmbito da Psicologia Escolar. Foram identificados seis relatos de experiência, publicados nos últimos três anos. Três relatos foram publicados no ano de 2014, dois em 2015 e um em 2016.
O primeiro relato identificado foi produzido por Rodrigues et. al. (2014) que trata sobre a experiência de estágio de acadêmicas da Psicologia na modalidade de ensino EJA. Dessa forma, através uma visão psicossocial do indivíduo, propuseram atividades que envolvessem alunos, professores e coordenação, construindo, também, uma relação de parceria na construção de atividades pedagógicas e psicossociais. Segundo as autoras, a demanda colocada pela equipe gestora foi a de atendimento de alunos-problema. As estagiárias, entretanto, procuraram driblar essa demanda focando em práticas que abrangessem o amplo contexto em que os alunos estavam inseridos. Por fim, as autoras afirmam que o espaço do psicólogo escolar não está dado, mas que

deve ser construído no cotidiano e reforçam que a prática do mesmo não deve ser pautada no modelo clássico e medicalizante.

No segundo relato, Calado (2014) descreve a experiência de acompanhamento de uma turma de um curso de Psicologia na disciplina de estágio básico em Psicologia Escolar e Educacional, que se inseriu e acompanhou 8 escolas públicas. As atividades dos estagiários incluíram visitas de campo, observações, leitura do projeto político pedagógico da escola, entrevistas com a equipe gestora e funcionários, encontros com as turmas de alunos e planejamento de atividades junto aos professores das turmas. Com a inserção dos estagiários nas escolas, observou-se a criação de um espaço de escuta, o que possibilitou o fortalecimento das potencialidades dos sujeitos e das relações entre a comunidade escolar. Assim, promoveu-se um trabalho participativo entre todos os setores dos envolvidos no processo educativo, de forma a romper, também, com as práticas "clínicas" e individualizadas na educação.

O terceiro relato é o de Suleiman (2014), que descreve seu estágio realizado em uma escola da rede estadual. A prática ocorreu individualmente durante a Semana do Magistério e teve como participantes trinta alunas desse curso. A oficina teve três horas de duração e foi intitulada "Psicologia e o Ensino das Relações Étnico-Raciais". O objetivo foi proporcionar reflexões acerca da invisibilidade dos negros na sociedade e do ensino da história dos mesmos no Brasil, bem como auxiliar na capacitação do professor para abordar a cultura africana a afro-brasileira na sala de aula. As atividades propostas foram a apresentação de um curta-metragem, a formação de pequenos grupos para a discussão da realidade escolar através da leitura de textos e a apresentação da Lei nº 10.639/03. A discussão motivou a promoção de direitos no ambiente escolar e auxiliou na mudança de condutas e currículos historicamente discriminatórios e estigmatizantes dos negros em nosso sistema de ensino.

Lima et al (2015), apresentam ações institucionais, preventivas e interventivas realizadas por profissionais da Psicologia e do Serviço Social através da Secretaria de Educação de um município de São Paulo. As profissionais passaram a participar do cotidiano escolar e da Secretaria da Educação, a fim de conhecer a realidade escolar, assim como as especificidades de cada uma das escolas do município. As escolas puderam solicitar intervenções específicas através de um documento, e houve o predomínio de demandas por intervenções individuais. A equipe buscou atender as demandas, apresentando medidas preventivas que colaboraram para transformações no funcionamento institucional. Foram feitas intervenções na escola, planejamento e promoção de capacitações profissionais, com o objetivo de favorecer a formação de professores para uma reflexão crítica sobre as questões subjetivas e sociais que atravessam as unidades escolares.

Siqueira et. al (2015), trazem a experiência em um projeto de extensão com o título "Violência contra crianças e adolescentes: trabalhando prevenção primária", realizado junto aos pais, mães e cuidadores de crianças das séries iniciais de uma escola pública. O objetivo desse projeto foi a promoção de um espaço de escuta e reflexão acerca do tema violência e de sua prevenção. A proposta durou cerca de três meses e foi realizada através de oficinas, as quais foram pensadas através de diversos temas como: violência, práticas educativas, drogas, desenvolvimento infantil, direitos da criança e do adolescente, entre outros. As autoras destacam a importância do espaço escolar para desenvolver essa atividade, entendendo-se que a violência pode ser prevenida, e que práticas educativas podem ser promovidas no contexto familiar.

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico
Evento: XXIV Seminário de Iniciação Científica

Por fim, Lima et. al (2016) debatem o tema da inclusão no ensino superior a partir da experiência prática de estagiárias da Psicologia de uma Instituição de Ensino Superior de Brasília. As autoras apresentam relatos de caso sobre duas estudantes, uma com déficit de aprendizagem e outra com dislexia, que foram atendidas individualmente por um serviço de Psicologia Escolar. A partir desses casos e da demanda institucional criou-se o Serviço de Atendimento à Queixas Escolares (SAQUE) que tem como objetivo atender alunos com dificuldades no processo de ensino e aprendizagem. As autoras discutem a necessidade de retirar o enfoque individualizante das queixas escolares, de forma a implementar medidas como formação continuada de professores, produção e adequação de recursos, adaptação do currículo, entre outras. Ainda, enfatizam que os psicólogos devem se implicar nesse debate, para que atuem de forma comprometida com o desenvolvimento dos sujeitos que apresentam queixas escolares.

Os relatos de experiência analisados, em sua maioria, parecem estar em concordância com as práticas emergentes em Psicologia e Educação, pois exploram o contexto escolar como um todo dinâmico, permeado por relações entre todas as esferas da aprendizagem: alunos, professores, diretores, funcionários, familiares, e outros. O primeiro e o segundo relatos, que são de estágios em escolas, esboçaram de forma evidente esse comprometimento com a realidade social e histórica da comunidade escolar, pois desenvolveram atividades amplas e não centradas no atendimento individual e no contexto clínico que a sociedade geralmente espera da Psicologia. O terceiro e o quinto relatos trazem intervenções em formato de oficinas, trabalho que também contribui para a desconstrução do modelo clínico na Escola, porque, mesmo sendo trabalhos com temas mais específicos, as autoras conseguiram promover o diálogo e a troca de experiências entre os participantes de forma que analisaram as diversas facetas dos problemas trabalhados. O quarto relato aborda a interlocução entre a Psicologia, a Escola e a Assistência Social, parcerias que promovem saúde em um contexto amplo, não só de Escola, mas também de comunidade, contribuindo para um ambiente escolar saudável e propício ao aprendizado. Por fim, o sexto relato é o único que mostra uma prática tradicional, e não emergente como os demais, por atender a uma demanda clínica e individualizada. No entanto, as autoras desse trabalho perceberam a necessidade de medidas mais abrangentes e transformadoras, criticando a predominância do enfoque individualizante das queixas escolares. Destaca-se, ainda, que todos os relatos, com exceção do quarto, são de estágios ou de extensões, mostrando que o conhecimento sobre práticas emergentes se encontra dentro das universidades, mas deixando a dúvida se eles também estão presentes no cotidiano dos profissionais que atuam com na psicologia escolar. Reconhece-se, de qualquer forma, que este estudo é limitado na quantidade de relatos de experiência analisados e por ter sido feito em apenas um periódico. Portanto, seria importante ampliar o recorte de tempo de produções da área, bem como ter um maior número de produções analisadas, de diferentes periódicos.

CONCLUSÃO

Acredita-se que a análise realizada dá um panorama positivo no que se refere às práticas em Psicologia Escolar, uma vez que os relatos de experiência analisados apresentam, em sua maioria, práticas emergentes. Desse modo, entende-se que a Psicologia vem ganhando espaço dentro da Escola na forma de práticas cada vez mais emergentes, vislumbrando relações saudáveis no contexto escolar. Pode-se inferir que a visão que se tem na sociedade da Psicologia dentro da Escola

ainda se fundamenta em práticas tradicionais, mas se encontra em processo de mudança, tendo em vista as intervenções institucionais, sociais e comunitárias cada vez maiores nesse campo. Pensa-se ser necessária uma maior produção e divulgação de relatos de experiência como esses analisados, a fim de que as ideias de práticas emergentes circulem entre os profissionais da área e promovam a reflexão e a transformação necessárias. É importante que os profissionais também contribuam e dialoguem com a comunidade científica, para que os novos conhecimentos práticos em Psicologia Escolar não fiquem apenas na esfera da Universidade. Assim, cada profissional em Psicologia poderá contribuir para a construção desse papel no imaginário social, e para a desconstrução do papel clínico, que visa o ajustamento do sujeito aos padrões socialmente aceitos do que se concebe como "um bom aluno".

BIBLIOGRAFIA

CALADO, V. A. Estágio em psicologia escolar e educacional: ruptura com a medicalização da educação. Revista Quadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional, SP. Volume 18, Número 3, Setembro/Dezembro de 2014: 567-569.

CASSINS, et. al., Manual de psicologia escolar - educacional. Gráfica e Editora Unificado. Curitiba, 2007.

GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.

LIMA, A. Inclusão no ensino superior: uma proposta de ação em Psicologia Escolar. Psicologia Escolar e Educacional, SP. Volume 20, Número 1, Janeiro/Abril de 2016: 175-177

LIMA, C. P. et al. Psicologia e Serviço Social: parcerias possíveis com a Educação. Revista Quadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional, SP. Volume 19, Número 1, Janeiro/Abril de 2015: 193-196

MARTÍNEZ, A. M. O que pode fazer o psicólogo na escola?. Em Aberto, Brasília, v. 23, n. 83, p. 39-56, mar. 2010.

RODRIGUES, G. T.; et al. Psicologia e educação de jovens e adultos: um desafio em construção. Revista Quadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional, SP. Volume 18, Número 1, Janeiro/Abril de 2014: 181-184. 1

SILVEIRA, D. T.; CÓRDOVA, F. P. Unidade 2 – A pesquisa científica. In: GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (orgs.). Métodos de pesquisa. Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

SIQUEIRA, A. C. et al. Oficinas de prevenção à violência: trabalhando com mães no contexto escolar. Revista Quadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional, SP. Volume 19, Número 2, Maio/Agosto de 2015: 405-407.

SULEIMAN, B. B. Psicologia e Ensino das Relações Étnico-raciais: uma experiência na formação de professores. Revista Quadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional, SP. Volume 18, Número 2, Maio/Agosto de 2014: 369-372.